

Comportamento

Conhecer autoras e autores negros não é apenas um gesto de ampliação cultural: é uma forma de enfrentar o racismo estrutural, fortalecer identidades e aprofundar a compreensão sobre o Brasil e o mundo

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

Por décadas, a literatura foi uma das janelas mais potentes para compreender o país, mas nem sempre ofereceu todas as paisagens. A formação escolar, os cânones literários e o mercado editorial reforçaram a centralidade de autores brancos, produzindo gerações de leitores que cresceram sem encontrar nas páginas dos livros rostos, experiências ou afetos que dialogassem com a própria história.

É nesse contexto que a literatura negra emerge como um campo fundamental. A psicóloga clínica comportamental Geane Santos explica que esse é um espaço crucial de validação para a identidade. “A literatura é um espaço onde nós, pessoas negras, podemos nos sentir instigados à reflexão e à desconstrução de conceitos que foram enraizados, nos quais o negro devia ser sempre colocado em um lugar de menos valia”, diz ela.

Para Geane, ler autores negros ajuda a ressignificar crenças, a estabelecer o sentimento de pertencimento, a desenvolver repertório e autoconhecimento. “A representatividade muda tudo. O sentimento de pertencimento, a percepção de valor como ser humano, a melhora da autoestima, a validação do lugar que ocupamos em vários setores da vida, a relação com o corpo e com nossas particularidades. Entendemos que ser negro, nascer negro, não nos torna menos que os outros.”

Ao mesmo tempo, a leitura não transforma apenas quem é negro. Geane lembra que ela desloca visões de mundo e desnaturaliza comportamentos racistas: “Não basta apenas que pessoas negras desconstruam paradigmas. O racismo é estrutural e normalizado em muitos aspectos, e isso precisa ser visto, falado, debatido por todos.”

Quando a inquietação vira coletivo

Foi com essa visão — e também com uma inquietude pessoal — que a escritora e artista Bruna Tamires idealizou, em 2017, o Clube Negrita. A iniciativa nasceu de um desejo de preencher uma lacuna que ela sentiu desde a universidade: a ausência de referências negras no ambiente acadêmico, artístico e literário.

“Eu buscava referências que ainda não tinha encontrado nas artes e na vida política”, conta Bruna. Após terminar a faculdade e mergulhar em pesquisas, ela foi conhecendo autores de diversos países que tratavam a questão da raça em suas obras, cada um de forma singular e especial.

Arquivo pessoal



Ler como ato de pertencimento

A experiência de ler em voz alta com um amigo foi o estopim. Bruna decidiu organizar o primeiro encontro com o clássico conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. A adesão foi imediata. “O primeiro encontro me mostrou que esse sentimento que estava em mim também vivia em dezenas de pessoas. Percebi que não existiam muitos espaços para que pessoas negras conversassem sobre obras literárias de autoria negra, e decidi me tornar uma dessas pessoas que organizam experiências assim”, reflete Bruna.

Assim, o Clube Negrita se consolidou como um polo de leitura, repertório e consciência racial em São Paulo, promovendo encontros presenciais para a troca de impressões. A curadoria das obras segue três critérios simples, mas potentes: Este livro conversa em algum ponto com a nossa realidade de pessoas negras? Este livro nos coloca para pensar sobre a

vida e as relações entre as pessoas? Este livro ou este autor confia na nossa capacidade enquanto leitores?

O clube conta com diversas dinâmicas, incluindo canal no YouTube e podcast no Spotify; reuniões on-line e presenciais que hoje somam mais de 30 encontros; literatura desenhadas — o Clube tem parcerias com artistas visuais negros para a realização de obras relacionadas à leitura. Já são mais de 10 mil pessoas atingidas em oito anos de atividade.

Para os participantes, o clube é um espaço de desenvolvimento pessoal. André Edson, 27 anos, servidor público, foi motivado pela oportunidade de trocar conhecimentos e ter uma margem interpretativa mais ampla. Ele destaca que a participação o ensinou a exercitar o papel de escuta, paciência, curiosidade e, acima de tudo, abertura para poder entrar em contato e tentar entender pontos de vista diferentes dos dele.

Para André, encontro em que houve a leitura do texto *Da barbárie colonial à política nazista de extermínio*,